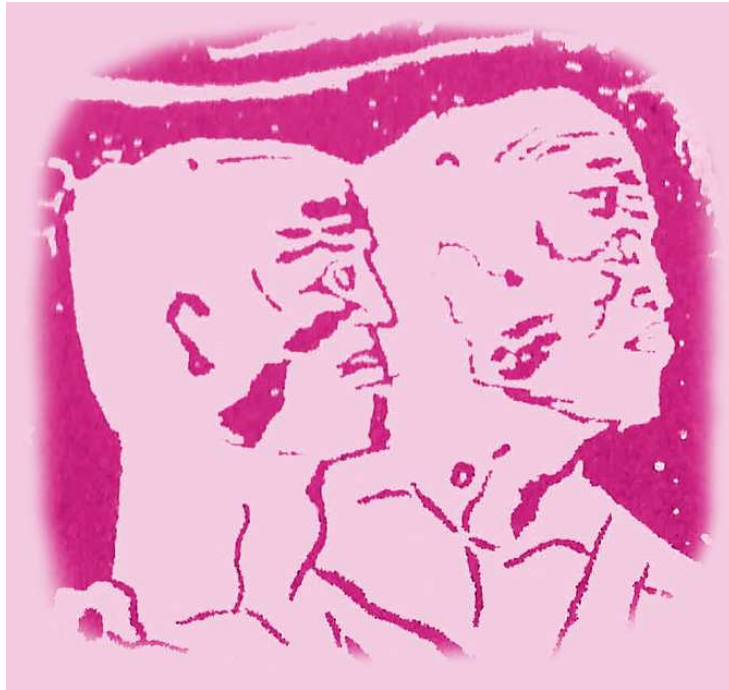


*A 4ª Internacional
na América Latina:
os anos 1950*



A 4ª INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA: OS ANOS 1950

RESUMO

Traça um painel sobre a ação e o desenvolvimento das organizações políticas da América Latina vinculadas às idéias de Leon Trotsky, na década de 1950, bem como de sua historiografia.

PALAVRAS-CHAVE

Partidos políticos; América Latina; Leon Trotsky

Michael Löwy¹

A 4ª INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA: OS ANOS 1950²

Os anos 1950 foram um período difícil para os movimentos trotskistas na América Latina: foi uma época de crise, de divisão, por vezes de marginalização (a “travessia do deserto”), mas também, ao menos em certos países, um período de participação nas grandes lutas operárias e populares, por vezes até nos movimentos revolucionários de massa.

Foi também a era dourada do populismo, isto é, dos regimes bonapartistas como os de Perón (1944-1955), Vargas (1950-1954), Paz Estensorro, na Bolívia (1952-1956), Jacobo Arbenz, na Guatemala (1951-1954), que se apoiavam nas mobilizações populares para realizar certas reformas e promover um desenvolvimento industrial nacional.

Alguns dos mais importantes movimentos sociais dessa época foram dirigidos por forças de tipo populista: foi o caso especialmente do movimento sindical peronista na Argentina e da revolução boliviana, hegemônica pelo Movimiento Nacionalista Revolucionário (MNR). No Brasil os burocratas sindicais fiéis a Getúlio Vargas (organizados no Partido Trabalhista Brasileiro - PTB) disputaram o controle do movimento operário com o Partido Comunista.

Foi somente no Chile, e, em certa medida, no Uruguai, que partidos operários, socialistas e comunistas, tiveram a direção no movimento operário e sindical. A política dos stalinistas, presentes em todos os países do continente, mas fortemente implantados no Chile, no Brasil, no Uruguai e na Guatemala, evoluiu consideravelmente no curso desse decênio: após um período sectário, durante a Guerra Fria, o 20º Congresso do Partido

¹ Michael Löwy nasceu em São Paulo, e formou-se em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Vive há quatro décadas na França, onde é diretor emérito de pesquisas do Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS). Suas obras estão traduzidas em mais de 22 países. <lowym@free.fr>

² Publicado originalmente nos *Cahiers Leon Trotsky*, Grenoble, n. 70, p. 99-109, jun. 2000.

Comunista da União Soviética (Pcus) abriu em 1956 uma época de crise, várias vezes seguida de um período direitista.

É neste contexto que irão evoluir as organizações que se reclamavam do trotskismo e tentaram inserir-se nos sindicatos populistas ou praticar o entrismo nos partidos comunistas e socialistas; o conhecimento dessas organizações nesse período não é fácil: os fatos mais elementares são freqüentemente cobertos com uma espessa camada de polêmicas fracionais locais e internacionais.

Além disso, não há uma história crível do trotskismo latino-americano. Existem, evidentemente, trabalhos sobre a Argentina, a Bolívia, o Brasil, por exemplo, mas a única obra de peso sobre o movimento em escala continental é a de um pesquisador universitário americano, Robert Jackson Alexander³, *Trotskyism in Latin America*⁴, publicada pela Hoover Institution de Harvard, uma fundação criada em honra do antigo chefe do Departamento Federal de Investigação (Federal Bureau of Investigation — FBI), especializado na luta contra o comunismo... Este livro é uma mina de informações, especialmente graças às entrevistas do autor com antigos dirigentes trotskistas latino-americanos, mas lhe falta um mínimo de estrutura analítica ou quadro de referência; além disso, a total exterioridade em relação ao sujeito por parte do autor, social-democrata convicto, o impede muitas vezes de *compreender* as disputas políticas dos debates.

Há também um excelente dossiê sobre os anos 1930, organizado por Pierre Broué⁵ e publicado nos *Cahiers Leon Trotsky*,

³ A coleção de entrevistas foi depositada no Special Collections and University Archives, Rutgers University, New Brunswick, NJ e reproduzida para comercialização pela IDC Publishers. O AEL possui em 15 rolos de microfilmes, as 213 entrevistas da Interviews Collection Robert Alexander [Robert Jackson Alexander], relativos ao período entre 1947 e 1994. Cf. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Edgard Leuenroth. Coleção Interviews Collection. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_icra/website-ael_icra.htm>. Acesso em: 11 jan. 2007. (N. Ed.).

⁴ ALEXANDER, R. J. *Trotskyism in Latin America*, Stanford: Hoover Institution Press, 1973. 303 p.

⁵ BROUÉ, P. *Cahiers Leon Trotsky*, Grenoble, n. 11, p.13-30, set. 1982. (N. Ed.)

mas que não vai além de 1940. Por fim, um antigo aluno de Broué, o historiador Osvaldo Coggiola, publicou no Brasil um pequeno livro⁶ útil, mas muito curto e unilateral, sobretudo no que se refere aos anos posteriores à cisão de 1953.

Durante os anos 1950, as organizações trotskistas tiveram uma real influência, especialmente na Argentina, na Bolívia e no Chile, mas houve grupos ou núcleos mais ou menos importantes no Brasil, Uruguai, Peru, México e Cuba. Encontram-se referências também a núcleos na Colômbia, Equador, e El Salvador, mas há pouca informação a seu respeito. Na maioria destes países o movimento dividiu-se em grupos e frações antagônicas, que se organizaram, a partir da cisão da própria Internacional, em dois blocos: o Bureau Latino-Americano (BLA) —, filiado ao Secretariado Internacional da 4ª Internacional (SI), e o Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO), filiado ao Comitê Internacional.

Estes grupos eram extremamente reduzidos — menos de uma centena de militantes —, mas a dedicação de seus ativistas e a radicalidade de suas posições, inspiradas pela teoria da revolução permanente e o Programa de Transição, lhes assegurou um eco bem maior que sua força organizada. Alvos da repressão policial e militar e a hostilidade implacável dos stalinistas, dificilmente conseguiram sair de seu isolamento. É verdade também que suas práticas eram bastante sectárias e fracionais e suas análises muito otimistas, se não triunfalistas, ou muito calcadas nos textos “clássicos” de Trotsky e sobre o modelo da Revolução Russa.

Na Argentina, o movimento constituiu-se essencialmente por duas correntes cujas organizações trocavam freqüentemente de nome e que é preciso, portanto, designar por aquele dos seus dirigentes verdadeiramente carismáticos, Nahuel Moreno, pseudônimo de Hugo Bressano, e J. Posadas, pseudônimo de Homero Cristalli. Ao longo dos anos 1940 estas duas correntes distinguiram-se claramente por sua atitude em relação ao peronismo: enquanto o Partido Obrero Revolucionário (POR) de Moreno denunciava o governo peronista por suas *características fascistas ou semifascistas*, o Grupo Cuarta Internacional (GCI) de

⁶ COGGIOLA, O. *O trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Posadas o definia como *típico caso do governo nacionalista de uma semicolônia*. Posadas e seus camaradas, que pregavam, na Argentina e em outros lugares, a formação de um partido operário baseado nos sindicatos, tomaram, no curso dos anos 1950, a direção do BLA, animado desde então pelo militante uruguaio Ortiz, pseudônimo de Alberto Sendic. Este Bureau, criado em 1948, em acordo com o SI, durante uma Conferência Latino-Americana em Buenos Aires, foi formalmente instituído pelo 3º Congresso de 1951 e se tornou, dez anos mais tarde, a principal base da cisão “posadista” da Internacional.

O 3º Congresso foi o ponto de partida de um crescente interesse da Internacional pelas revoluções do Terceiro Mundo — chamadas de revolução colonial, na terminologia da época — e em particular pela América Latina, que foi objeto, pela primeira vez, de uma resolução específica.

Ao longo dos anos 1950 a reflexão da Internacional sobre os movimentos populares latino-americanos foi intimamente ligada à sua análise da revolução colonial, isto é, da guerra da Indochina, da ascensão do nasserismo, do Pacto de Bandoeng e da guerra da Argélia.

Foi também no Congresso de 1951 que se decidiu reconhecer o grupo de Posadas como seção argentina da 4ª Internacional em razão de sua organização séria e de uma análise política julgada mais correta.⁷ É preciso destacar que nessa época Posadas não havia iniciado seu extravagante e tragicômico desvio político e sua equipe argentina contava com muitos dirigentes conhecidos — Roberto Muniz, José Lungarzo, Oscar Fernandez — e uma plêiade de quadros, entre os quais se pode citar Adolfo Gilly, Alberto Pla, Guillermo Almeyra, Angel Fanjul, assim como os uruguaios Alberto Sendic e Gabriel Labat.

Aliás, o POR de Moreno aceitou o reconhecimento do GCI como seção, pedindo apenas que ele trocasse de nome, e fez uma autocrítica pública por ter recusado a palavra de ordem de *frente única antiimperialista*.⁸ Foi o início de uma reorientação política de

⁷ PRAGER, R. (Org.). *Les congrès de la Quatrième Internationale: manifestes, thèses, résolutions*. v. 4: Menace de la troisième guerre mondiale et tournant politique (1950-1952), p. 299-300.

⁸ *Ibid*, p. 298-301.

Moreno e de seus amigos que os conduziu, em 1954, a unir-se a um partido peronista de esquerda (Partido Socialista de la Revolución Nacional) e até, em 1956, a publicar seu jornal *Palabra Obrera* como um órgão *sob a disciplina do general Perón e do Conselho Superior peronista!* Ao longo dos anos 1950 os dois grupos conquistaram uma base sindical não desprezável, suas posições sobre o peronismo aproximaram-se bastante — sem que isso em nada diminuísse sua rivalidade e hostilidade recíprocas.

A Bolívia foi de longe o país onde o trotskismo teve sua maior influência, especialmente no poderoso sindicato dos trabalhadores em minas (Federación Sindical de Trabajadores Mineros de Bolívia – FSTMB), que aprovou, em seu congresso de 1946, em Pulacayo, um conjunto de teses redigido por um dirigente do POR boliviano, Guillermo Lora, que retomou e adaptou ao contexto do país as idéias centrais do Programa de Transição. Entretanto, ao contrário dos grupos argentinos, o POR boliviano permaneceu mais uma rede de militantes que uma organização de vanguarda estruturada e orgânica.

Durante a revolução de 9 de abril de 1952 — operária por sua base social, com aspirações nacionalistas e democráticas radicais — o POR boliviano deu apoio crítico ao MNR (Movimiento Nacional Revolucionário) de Paz Estenssoro e de Juan Lechin, e conquistou por alguns meses uma posição hegemônica à frente da Central Obrera Boliviana (COB). Em setembro de 1952 a COB adotou uma plataforma redigida por um dirigente do POR, Hugo González Moscoso, que propôs a constituição, por sindicatos, de uma assembléia de trabalhadores, estrutura de duplo poder visando a instauração de um governo operário e camponês. Sob pressão das bases populares, Paz Estenssoro foi obrigado a expropriar as minas de estanho, a depurar o exército e a decretar uma reforma agrária. Entretanto, ele não pôde tolerar a ameaça que representava uma COB independente, fortemente influenciada pelas teses trotskistas da revolução permanente; durante os últimos meses de 1952, o MNR, por meio de sua ala esquerda e através do sindicalista Juan Lechin, conduziu uma ofensiva contra o POR e, com o apoio dos stalinistas, retomou o controle da central operária.

Ao longo dos anos seguintes, o POR conheceu, de 1953 a 1956, uma crise grave que teve como resultado dividi-lo e enfraquecê-lo consideravelmente. As circunstâncias precisas não são fáceis de estabelecer. As principais fontes são os livros de

Lora, muito documentados, porém bastante deformados pelo espírito fracional e privados de um mínimo de objetividade.⁹ Tentaremos resumir as principais etapas desta crise.

Em junho de 1954 o 10º Congresso do POR aprovou as teses apresentadas por Guillermo Lora sob a seguinte orientação:

Longe de lançar a palavra de ordem de derrubada do regime Paz Estenssoro, nós o apoiamos a fim de que ele resista à ofensiva da Rosca¹⁰ e chamamos o proletariado a defender incondicionalmente a revolução boliviana e seu governo transitório [...] A tarefa imediata não é gritar 'Abaixo o governo', mas exigir dele que realize as reivindicações fundamentais da revolução.

Aliás, este documento considera a possibilidade de uma predominância da esquerda no MNR:

É somente nestas condições que se pode colocar a eventualidade de um governo de coalizão do POR e do MNR, que seria uma maneira de realizar a fórmula 'governo operário e camponês', o que, por sua vez, constituiria a etapa de transição rumo à ditadura do proletariado.¹¹

Seguindo estas teses, duas frações se constituiriam no POR, a Fração Operária Leninista (FOL), dirigida por Lora e o sindicalista Erwin Moller, e a Fração Proletária Internacionalista, de Hugo González Moscoso e Fernando Bravo, que rejeitava esta orientação e propunha uma linha de ruptura com o MNR e a constituição de um duplo poder a partir da COB.

Em 1954, uma parte da FOL, sem Lora, sob a direção de Erwin Moller, rompeu com o POR para aderir ao MNR. Contrariamente às esperanças dos trotskistas, não foi o POR que

⁹ Isto também é válido para o livro publicado na França, em 1972, com um longuíssimo prefácio de dois militantes da Organisation Communiste Internationaliste, Catherine e François Chesnais, Cf. LORA, G. *Bolívie: de la naissance du POR à l'Assemblée populaire*. [Paris], EDI, 1972. Para uma apresentação mais objetiva dos fatos pode-se consultar o livro de um historiador inglês de esquerda, DUNKERLEY, J. *Rebellion in The Veins: Political Struggle in Bolívia, 1952-1982*. Londres: Verso, 1984.

¹⁰ Na Bolívia, "rosca" designa a oligarquia rural e mineradora.

¹¹ LORA, op. cit., p. 35-43.

atraiu Lechin e a esquerda do MNR, mas, ao contrário, foi este que provocou a cisão do POR. A tendência de Hugo González Moscoso tornou-se majoritária e obteve o apoio do SI, mas Lora não aceitou sua derrota e, após algumas hesitações, cindiu e formou seu próprio POR em torno do jornal *Masas*. Enfraquecido por estas defecções e pelas lutas fracionais, o POR, nas eleições de 1956, obteve só 2.239 votos...

Alguns meses antes do 4º Congresso Mundial, em dezembro de 1953, reuniu-se uma conferência das seções latino-americanas da 4ª Internacional convocada pelo BLA, que se declarou solidário com o SI e a sua orientação política. Os documentos desta conferência deixaram poucas indicações sobre os indivíduos e as organizações participantes, salvo para lamentar a ausência, involuntária, da seção boliviana. Foi Posadas quem apresentou o informe sobre a situação política, a qual definiu, segundo seu habitual método, de modo linear: *A consciência política do proletariado se eleva continuamente* etc. As resoluções da conferência, por outro lado, foram mais nuançadas e condicionais e sugeriam uma visão dialética da construção da vanguarda:

*É impossível conquistar a direção das massas sem trabalhar em seu meio e sem dispor de forças de vanguarda relativamente importantes. [...] É impossível triunfar na vanguarda sem realizar um trabalho no meio das massas e sem levar uma luta teórica e política contra todas as correntes centristas, oportunistas, stalinistas, etc.*¹²

Em julho de 1954 reuniu-se o 3º Congresso da Internacional, com a participação de onze delegados latino-americanos, entre os quais Posadas, Oscar Fernández, Hugo González Moscoso, Guillermo Almeyra (então residindo no Brasil), Leôncio Martins Rodrigues, dirigente do POR brasileiro, transformado hoje num dos principais politólogos não-marxistas deste país, e Ortiz. A ausência de certas organizações, como o partido de Nahuel Moreno, mostrava que a cisão da Internacional começava a ter efeitos na América Latina.

O manifesto do Congresso mal menciona a América Latina, e a resolução política concede alguns parágrafos aos países

¹² *Bulletin Interne du Secrétariat International*, [S.l.], p. 4, 10-11, jan. 1954.

deste continente no capítulo Tarefas Particulares. Este documento toma claramente posição no debate boliviano chamando a uma *franca denúncia* do curso *direitista e até reacionário* do governo — mesmo alimentando ainda a ilusão de uma possível ruptura da ala esquerda do MNR. Recomendações mais detalhadas às seções latino-americanas foram elaboradas por uma comissão composta pelos onze delegados do continente e por Pierre Frank e Michel Pablo. Este texto de vocação interna lembra a necessidade de lutar na Argentina e no Uruguai por um partido operário baseado nos sindicatos e busca traduzir para a realidade política do continente a tática entrista aprovada pela Internacional como orientação geral. Isto significava no Chile a entrada no Partido Socialista Popular (PSP), no Brasil no PCB e no Peru *um trabalho entrista parcial na APRA*.

As proposições sobre a Bolívia foram mais duras ainda que aquelas da resolução política. Eles requeriam do POR que acentuasse sua crítica ao governo de “esquerda” e que tivesse poucas esperanças nas diferenciações internas no MNR. É preciso constatar que nenhum dos documentos da 4^o Congresso considerava a América Latina como um conjunto de características comuns: trata-se assim do conjunto dos países “coloniais e semicoloniais”, logo, de certos países latino-americanos considerados separadamente.

Durante os anos 1955-1956 a cisão do trotskismo na América Latina aprofundou-se. O BLA de Posadas e Ortiz, filiado ao Secretariado Internacional, organizou em março de 1965 no Uruguai, e não no Chile como se indicou nos textos oficiais, a 3^a Conferência Latino-Americana com a participação de 45 delegados representando seis países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Peru, Uruguai). Entre estes, destaque-se a presença de José Maria Crispim, antigo dirigente e deputado do PC do Brasil, que havia recentemente aderido à seção brasileira. O informe de Posadas nesta conferência era típico do triunfalismo que caracterizava o BLA, porém em um grau menor que o do SI:

*As lutas revolucionárias das massas latino-americanas desenvolveram-se a um tal ponto que elas são irreversíveis e se encaminham ao poder operário e camponês.*¹³

¹³ *Bulletin Interne du Secrétariat International*, [S.l.], p. 7, maio de 1956.

Os grupos de militantes argentinos e uruguaios em torno de Posadas — uma equipe homogênea e coesa de “revolucionários profissionais” inteiramente devotados à causa — exerceram uma influência determinante sobre o BLA e enviou freqüentemente emissários e conselheiros às outras seções em estadias que iam de alguns meses a muitos anos.

Alguns meses depois, em setembro de 1956, os partidários do Comitê Internacional por seu turno reuniram-se e fundaram, em uma reunião na Argentina, o SLATO. A principal base desta corrente era o POR argentino de Nahuel Moreno que, de acordo com suas declarações, não ultrapassava a uma centena de militantes, mas que tinha uma crescente influência nos sindicatos da CGT peronista e reunia ao seu redor quadros de valor: Milciades Peña, um brilhante historiador marxista, autor de um livro notável, *Masas, Caudillos y Elites*, que se suicidou aos 32 anos em 1963, Angel Bengoechea, Daniel Pereyra e Hugo Blanco, que voltou ao Peru em 1956. No Chile, o POR era uma pequena organização, com 34 membros declarados, cujo principal dirigente era Luís Vitale, historiador, autor de uma *História marxista del Chile* em 4 volumes; Vitale rompeu em 1954 com o SI e criou um comitê latino-americano do trotskismo ortodoxo, primeira etapa rumo à constituição do SLATO. Estes dois grupos e um outro menor ainda no Peru constituíam o essencial das forças ligadas ao Comitê Internacional.

O documento da conferência latino-americana de 1956 denunciou o “liquidacionismo pablista” e criticou a política entrista no Chile e no Peru. Curiosamente não conta com nenhuma divergência sobre a Argentina, pois os dois rivais pareciam desenvolver análises similares sobre o peronismo. Sobre a Bolívia, o SLATO se limitou a descrever as diferentes frações do POR, afirmando que a de Moscoso segue o pablismo com uma orientação política independente e, em geral tem uma posição política mais correta. A análise da conjuntura de Moreno em seu informe geral é mais sóbria e realista que aquela do BLA:

A posição do imperialismo US foi reforçada ultimamente como consequência da derrota da revolução guatemalteca, da derrubada do regime de Perón, etc. [...] Enquanto na Ásia o proletariado tem um luta em ascensão, na América Latina a classe operária recua.

O documento do SLATO reconhecia, em outro lugar, em um testemunho extremamente revelador, que o Comitê Internacional:

Não é nada mais que uma força que representa uma frente única contra o pablismo [...]. Esta frente única deveria iniciar uma discussão sobre questões políticas, de modo a poder formular uma orientação política precisa e homogênea.¹⁴

Foi em setembro de 1957 que se reuniu o 5º Congresso Mundial, com a participação de 14 delegados latino-americanos, entre os quais Posadas e Oscar Fernández pela Argentina, Fernando Bravo e Jesus Maria Morales do POR boliviano, José Maria Crispim e Gabriel Labat, arquiteto uruguaio enviado ao Brasil pelo BLA, pelo POR brasileiro, Jorge MacGinty e Raul Santander pelo POR chileno, Ismael Frias, pelo Peru e Ortiz pelo Uruguai.

A América Latina pouco apareceu nos documentos do Congresso, submersa no conjunto da revolução colonial. No Manifesto, apesar disso, há alguns parágrafos sobre a Bolívia, como sempre excessivamente otimistas:

O espírito combativo das heróicas massas bolivianas [...] é mais elevado que nunca. Guiadas pelo POR, seção boliviana da IV Internacional, brevemente saberão impor a convocação de um Congresso Extraordinário da COB que decidirá pela formação de um verdadeiro Governo Operário e Camponês, liberando as massas do país do pesadelo econômico no qual vivem atualmente e da ameaça de uma ditadura.

De todas estas previsões foi a da ditadura que se realizou alguns anos mais tarde.

Mais interessante e mais realista é um documento interno que reúne as resoluções do congresso sobre as tarefas das seções latino-americanas. O texto sobre a Bolívia, destinado unicamente aos membros do CEI, do BLA e à seção boliviana reconhecia a possibilidade de uma *evolução ulterior da revolução boliviana rumo a um patamar de estabilização capitalista* e até um “regime forte”. Neste contexto, insistia sobre a importância do trabalho militar do POR:

O Partido deve opor-se com extrema energia à reorganização e à consolidação do exército burguês. Ele oporá o crescimento

¹⁴ *Summary of the Report of the Latin-American Pré-Conference of Orthodox Trotskyism, which took place in Argentina in the month of September 1956, lasting 10 days.*

*do armamento dos operários e camponeses, sob comando nacional único [...]. O Partido deve ser capaz de ligar-se organicamente com as formações militares das massas e de prosseguir, ao mesmo tempo, em um trabalho sistemático de penetração no exército e na polícia burgueses. O Partido deve-se ligar aos elementos revolucionários experientes ou desejosos de se aplicar à atividade militar [...] e compeli-los a considerar o prosseguimento da luta armada, mesmo no caso de um sucesso provisório da reação, sob a forma de uma guerrilha prolongada de militantes. Esta última questão deve ser estudada com a extrema seriedade que ela merece e considerada concretamente.*¹⁵

No momento em que este texto foi publicado, *uma guerrilha prolongada de militantes* lutava, sob a direção de Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto Che Guevara, nas montanhas de Sierra Maestra em Cuba. Entre o punhado de combatentes que sobreviveram ao desembarque do Granma em 1956 encontrava-se o operário negro Pablo Dias, velho militante trotskista sob o nome de Lassalle, que pertenceu ao Partido Bolchevique-Leninista de Cuba nos anos 1930 e depois.

A vitória dos revolucionários cubanos em janeiro de 1959 sobre a ditadura do general Batista iria mudar a história da América Latina, abrindo um novo período revolucionário. Foi esse também o início de um novo capítulo para os partidários latino-americanos da 4ª Internacional, que viram romper seu isolamento e multiplicar suas forças em todo o continente.

¹⁵ *Bulletin Interne du Secrétariat International*, p. 2-3, nov. de 1957. (La situation bolivienne et les tâches du POR).

THE 4TH INTERNATIONAL IN LATIN AMERICA: THE FIFTIES

ABSTRACT

This essay points out the action and the development of political organizations, in Latin America, related to Leon Trotsky's ideas, in the 1950 decade, as well their historiographies.

KEYWORDS

Political parties; Latin America; Leon Trotsky



Ilustração de Lívio Abramo, na primeira página de *O Homem Livre*, em seu número 6, de 2 de julho 1933. (Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, MR 2128.)